



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
UNIDADE DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – UEaD
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADA E EDUCAÇÃO - CCAE
LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA INGLESA A DISTÂNCIA**



GILVANDO MARINHO DE SOUZA

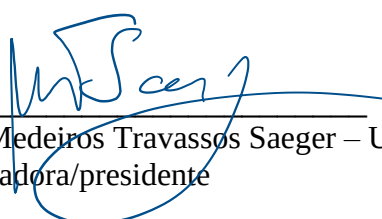
**O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA NA
EJA: DESAFIOS VIVENCIADOS POR PROFESSORES E ALUNOS DO
ENSINO MÉDIO**

**MAMANGUAPE/PB
2019**

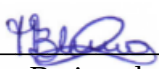
GILVANDO MARINHO DE SOUZA

**O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA NA
EJA: DESAFIOS VIVENCIADOS POR PROFESSORES E ALUNOS DO
ENSINO MÉDIO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras Inglês da Universidade Federal da Paraíba, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciado em Letras – Inglês, defendido e aprovado pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:


Profª Drª Márcia Mª de Medeiros Travassos Saeger – UFPB
Orientadora/presidente

Profª Drª Sandra Araújo Dias – UFPB
Membro da banca examinadora



Prof. Dr. Thales Batista de Lima – UFPB
Membro da banca examinadora

MAMANGUAPE/PB

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
LÍNGUA INGLESA



O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA NA EJA: DESAFIOS VIVENCIADOS POR PROFESSORES E ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

Gilvando Marinho de Souza – UFPB – souza.sert@gmail.com

Profª Drª Márcia Travassos Saeger (Orientadora) – UFPB – marciatsaeger@yahoo.com.br

Profª Drª Sandra Araújo Dias (Membro da banca) – UFPB – mildsandra@gmail.com

Prof. Dr. Thales Batista de Lima (Membro da banca) – UFPB – thalesufpb@gmail.com

RESUMO

A educação de jovens e adultos ainda enfrenta desafios no Brasil, seja pela ausência de recursos ou pela heterogeneidade do público desta modalidade. Nesse contexto, esta pesquisa teve como objetivo identificar as principais dificuldades acerca do processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa na perspectiva da Educação de Jovens e Adultos. Quanto ao aspecto metodológico, a pesquisa tem uma abordagem exploratória e descritiva, de natureza qualitativa, sendo classificada ainda como um estudo de caso. O campo de pesquisa correspondeu a uma escola da rede pública do município de Sertãozinho (PB), onde funciona a modalidade de educação de jovens e adultos. Participaram como sujeitos da pesquisa docentes de língua inglesa e discentes desta escola. A coleta de dados se deu a partir da realização de entrevistas com as docentes e da realização de um grupo focal com os discentes. Os resultados mostraram que as maiores dificuldades quanto ao ensino-aprendizagem da língua inglesa nesta escola estão associadas ao desconhecimento, por parte dos alunos, sobre a importância da língua inglesa para o seu crescimento profissional e pessoal. Com isso, apesar de frequentarem as aulas, os alunos não demonstram o devido interesse pela disciplina, identificando-se a necessidade de uma maior conscientização deste público a respeito da importância de um segundo idioma para o seu crescimento pessoal e profissional.

Palavras-chave: Língua inglesa. Educação de Jovens e Adultos. Ensino.

ABSTRACT

Youth and adult education still faces challenges in Brazil, either due to the lack of resources or the heterogeneity of the public of this modality. In this context, this research aimed to identify the main difficulties about the teaching-learning process of the English language from the perspective of Youth and Adult Education. Regarding the methodological aspect, the research has an exploratory and descriptive approach, of qualitative nature, and is still classified as a case study. The research field corresponded to a public school in the city of Sertãozinho (PB), where the youth and adult education modality works. The subjects of the research were teachers of English language and students of this school. Data collection took place through interviews with teachers and a focus

group with students. The results showed that the greatest difficulties in teaching and learning English at this school are associated with the students' lack of knowledge about the importance of English for their professional and personal growth. Thus, despite attending classes, students do not show proper interest in the subject, identifying the need for greater awareness of this public about the importance of a second language for their personal and professional growth.

Keywords: English language. Youth and adult education. Teaching.

1 INTRODUÇÃO

O mercado de trabalho vem exigindo cada vez mais profissionais com uma determinada escolaridade, além de aperfeiçoamento no uso de tecnologias e conhecimento de mais de um idioma. Contudo, diante das diferentes condições da população de acesso à educação escolar e profissionalizante, nem todos conseguem concluir ao menos o ensino básico, recorrendo, já na fase adulta, à Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Desse modo, a maioria da população que não havia concluído seus estudos, busca essa modalidade de ensino para assim encaixar-se dentro das exigências do mercado de trabalho. É importante ressaltar que, como destaca Strelhow (2010), este alunado consiste em um perfil heterogêneo, com jovens, adultos idosos, sejam trabalhadores, donas de casa, desempregados, mas que tiveram pouco ou nenhum acesso à educação.

No que concerne ao ensino de outra língua na escola, no ensino regular, existe uma dificuldade de aprendizagem por parte do corpo discente. Assim, ainda que as disciplinas de língua estrangeira sejam trabalhadas de modo interdisciplinar, como forma de inserção e maior participação dos alunos, seu ensino deve ser tratado como uma forma de equiparação de ensino, partindo da ideia de que não existem diferenças entre a forma de ensinar.

Aos professores da EJA cabe buscar mecanismos que mantenham o interesse dos alunos, não se prendendo unicamente aos livros didáticos oferecidos pelo Ministério da Educação, que, por vezes, pode limitar o processo de ensino-aprendizagem (CARVALHO, 2014). Da mesma maneira que no ensino regular os professores buscam diferentes formas de repassar o conhecimento, na EJA não deve ser diferente, trabalhar de forma diferenciada para, dessa maneira, conseguir a participação dos alunos e o interesse pela aprendizagem de uma língua estrangeira. Tudo isto contribuirá para o desenvolvimento destes alunos, que serão capacitados para uma atuação diferenciada no mercado de trabalho.

Todavia, considerando os vários desafios existentes no contexto da EJA já apresentados em pesquisas, seja pelas dificuldades quanto à estrutura das escolas e à escassez de recursos materiais e até mesmo humanos, ou pelas dificuldades dos alunos, dada a heterogeneidade do seu perfil, o ensino de uma língua estrangeira, a partir deste prisma diferenciado para tornar a disciplina mais atrativa, pode encontrar barreiras. Nesse aspecto, e considerando o ensino da língua inglesa, especificamente, questiona-se: **quais as dificuldades existentes no processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa na EJA na Paraíba?**

O objetivo geral deste estudo é identificar as principais dificuldades acerca do processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa na perspectiva da Educação de Jovens e Adultos. De modo mais específico, buscou-se: a) caracterizar o contexto educacional da EJA; b) evidenciar os principais desafios enfrentados pelos profissionais da EJA no ensino da língua inglesa; c) identificar as problemáticas existentes por parte do alunado na aprendizagem da língua inglesa.

Justifica-se a propositura deste estudo pelo fato de que a EJA se constitui em uma modalidade de ensino não tão difundida como o ensino regular, sendo necessário apresentar à sociedade a importância desta forma de ensinar e as dificuldades que os profissionais da educação e os discentes enfrentam em sua rotina diária para, dessa forma, poder contribuir com o processo de ensino-aprendizagem e com uma maior participação do alunado no que diz respeito ao componente curricular Língua Inglesa.

Quanto à apresentação, este artigo se encontra dividido em cinco seções, sendo a primeira referente aos aspectos introdutórios do estudo, apresentando-se uma breve contextualização do tema, a problemática, os objetivos pretendidos e a justificativa da realização da pesquisa. Na segunda seção é apresentada a fundamentação teórica que embasou o estudo. Já os procedimentos metodológicos são apresentados na terceira seção. Os resultados da pesquisa são apresentados e discutidos na quarta seção, seguidos, por fim, das considerações finais na quinta seção do trabalho.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Em se tratando do ensino da língua inglesa, um dos aspectos fundamentais a se analisar é a necessidade de enfatizar a importância e a obrigatoriedade desse componente curricular, evitando, assim, que se tenha um falso entendimento de que a língua estrangeira não teria a mesma importância que o estudo da nossa língua materna.

É assegurado pela LDB, em seu artigo 26, inciso V, o direito do estudante de aprender não apenas sua língua base, mas também de ter um conhecimento amplo dentro do processo de ensino, sobre outras línguas (estrangeiras) que possibilitem, posteriormente, uma inserção mais justa do mesmo, em outros ambientes acadêmicos e sociais como um todo (BRASIL, 1996).

Dessa maneira, cabe à escola trabalhar de forma correta para que seja dado o devido valor educacional a todos os componentes curriculares. O ensino da língua portuguesa, por exemplo, permite ao aluno o desenvolvimento das experiências que vieram com ele. A partir daí, são ensinadas as regras e normas, sem alteração, do maternal ao ensino médio. Esta mesma sistemática de ensino crescente deve ser estendida à língua estrangeira, de modo que, quando o estudante chegar a uma universidade ou viajar a algum país, consiga ter uma desenvoltura que o possibilite a abertura de novas oportunidades.

É necessário também ter a sensibilidade de preparar os alunos para os desafios que surgirão em suas vidas. Quando o aluno vai realizar a prova do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), por exemplo, ele opta entre duas línguas estrangeiras (Espanhol e Inglês), então, se esse aluno não possuir o mínimo de conhecimento acadêmico acerca deste componente curricular, a probabilidade de o mesmo conseguir êxito é pouca.

Existem fatores que corroboram esta defesa quanto ao ensino da língua inglesa, a exemplo do fator social e do fator histórico. No que concerne ao fator social, a mínima compreensão de leitura e oralidade relacionado a uma segunda língua proporciona maiores oportunidades de interação social e vantagem profissional. Nesse sentido, Sousa (2014) observa que é necessário observar a idade dos alunos e os contextos sócio educacionais, a fim de que o ensino da língua inglesa seja exitoso. Já quanto ao fator histórico, é possível analisar o crescimento durante o século da influência norte-americana no Brasil, o que torna ainda mais necessário que os estudantes consigam a compreensão de textos, músicas, frases, entre outros.

Deve ser realizada uma análise muito detalhada sobre as características das regiões estudadas, por se tratar de um assunto importante no meio educacional, levando em consideração a dificuldade do ensino-aprendizagem da língua inglesa, como Silvia Cardoso ressalta:

A aprendizagem de uma língua estrangeira tem papel fundamental na formação de jovens e adultos, pois é compreendida como um direito básico de todos, e, também, uma resposta às necessidades individuais e sociais do homem contemporâneo em uma sociedade globalizada, de modo que a língua estrangeira permita o acesso a uma ampla rede de comunicação e à grande quantidade de informações presentes na sociedade (CARDOSO, 2011, p. 11).

O fato a se analisar é que, enquanto profissionais da educação e enquanto escolas, o ensino da língua inglesa deve ser tratado como um dever e uma possibilidade de agregar um conhecimento que pode ser o diferencial para o desenvolvimento dos estudantes. Contudo, em se tratando do contexto do ensino da língua inglesa no contexto da EJA, as dificuldades passam a ser ainda maiores, devido às características deste público, o que exige dos educadores uma postura proativa, buscando alternativas que superem as limitações materiais, assim como adotando metodologias que integrem os estudantes ao contexto da disciplina. Nesse sentido, Sousa (2014, p. 5) ressalta que “a educação de jovens e adultos exige uma inclusão que entendam o mesmo como sujeito, que o educador perceba que precisa pautar o processo de aprendizagem na compreensão e pelo respeito do diferente e da diversidade”. Nesse mesmo sentido, Freitas (2012, p. 10) observa:

Quando tratamos de língua inglesa na EJA, deve-se ter um enorme cuidado, tendo em vista que a grande maioria dos alunos encontrados em sala de aula são fruto de provões ou até mesmo são alunos que não entram em uma sala de aula há mais de 20 anos, podendo haver a possibilidade de nunca terem estudado uma língua estrangeira. Isto explica a grande dificuldade que nós educadores encontramos para trabalhar a língua estrangeira com estes alunos, mas devido a práticas e análises destas práticas aplicadas em sala de aula, pudemos perceber que estes alunos apreendem muito mais conhecimento e desenvolvem interesse quando esta prática é palpável, quando ele realmente sente que é capaz.

Assim, aspectos como leitura, compreensão, regras, normas, recursos linguísticos e oralidade são determinantes para que as escolas comecem a melhorar e preparar os professores para o ensino da língua estrangeira, dentro da carga horária oferecida e fazendo o melhor uso dos recursos didáticos ofertados.

2.2 UM BREVE CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL

Desde a época do Brasil Colônia existem programas voltados ao processo de alfabetização de pessoas adultas, sobretudo em virtude dos adultos indígenas, que eram catequizados e alfabetizados na língua portuguesa por jesuítas da Companhia Missionária de Jesus (AIISO, 2019).

Com o passar dos tempos, esses programas passaram por mudanças estruturais e de nomenclaturas, adaptando-se às necessidades da população. Strelhow (2010) ressalta que o analfabetismo, no início do século XX, era visto como sinônimo de subdesenvolvimento, criando-se, em 1915, a Liga Brasileira contra o Analfabetismo. O autor afirma que “... estava presente a ideia de que as pessoas que não eram alfabetizadas deveriam procurar se alfabetizar. Era necessário tornar a pessoa analfabeta um ser produtivo que contribuísse para o desenvolvimento do país” (STRELHOW, 2010, p. 52).

Com a crise de 1929 e as mudanças ocorridas na política e na economia, motivadas, principalmente, pelos interesses da classe dominante brasileira, a educação também passa por mudanças, tendo em vista o fortalecimento de alguns movimentos sociais e da Pedagogia de Paulo Freire. Assim,

Em 1934, foi criado o Plano Nacional de Educação que previa o ensino primário integral obrigatório e gratuito estendido às pessoas adultas. Esse foi o primeiro plano na história da educação brasileira que previa um tratamento específico para a educação de jovens e adultos. E foi a partir da década de 40 e com grande força na década de 50 que a educação de jovens e adultos voltam a pautar a lista de prioridades necessárias do país. Em 1938 foi criado o INEP (Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos) e a partir de suas pesquisas e estudos, foi fundado, em 1942, o Fundo Nacional do Ensino Primário, com o objetivo de realizar programas que ampliassem e incluíssem o Ensino Supletivo para adolescentes e adultos. Em 1945, este fundo foi regulamentado, estabelecendo que 25% dos recursos fosse empregado na educação de adolescentes e adultos (STRELHOW, 2010, p. 52).

Contudo, os vários programas que objetivavam promover a educação para jovens e adultos no Brasil, funcionavam, segundo Stephanou e Bastos (2005), a partir da ótica de que o analfabeto era um indivíduo incapaz, ignorante, sem que fosse levado em consideração o contexto socioeconômico e cultural em que este sujeito se desenvolveu e ao qual pertence. Com isso, os programas passaram a reproduzir um sistema massivo de educação, a partir da generalização, sem que as reais dificuldades e as realidades de cada região fossem levadas em consideração.

Apenas em 1996, quando surgiu a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), ou Lei nº 9.394/96, que foi reafirmada por parte do governo federal brasileiro a necessidade de investimentos no processo de alfabetização dos jovens e adultos, o direito à educação básica e de

qualidade e, acima de tudo, que a educação a este público fosse oferecida considerando os seus contextos, vivências e experiências. Assim, Strelhow (2010, p. 55) ressalta que

Com base na LDB, foi constituída a Educação de Jovens e Adultos como modalidade de ensino através da resolução CNB/CEB Nº 1, de 5 de julho de 2000, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Ressalta-se ainda o direito a jovens e adultos à educação adequada às suas necessidades peculiares de estudo, e ao poder público fica o dever de oferecer esta educação de forma gratuita a partir de cursos e exames supletivos.

Contudo, mesmo diante das mudanças trazidas pela LDB, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) ainda enfrenta desafios, seja pela falta de investimentos mais específicos, sobretudo no que diz respeito à infraestrutura das escolas, materiais didáticos e recursos tecnológicos, ou mesmo quanto à preparação dos professores para atuarem nesta modalidade de ensino.

Nesse sentido, Aiiso (2019) aponta, em sua pesquisa, as dificuldades enfrentadas na EJA em escolas da Grande Natal/RN. Dentre as dificuldades relatadas, a falta de acesso a materiais didáticos, equipamentos de multimídia, infraestrutura de escolas e laboratórios precária são os principais aspectos que necessitam de melhorias. Os resultados da referida pesquisa deixam claro que uma melhor infraestrutura e o acesso a materiais didáticos voltados especificamente para o público da EJA poderiam contribuir com a melhoria das aulas, tornando-as mais dinâmicas e atrativas aos alunos.

Os problemas identificados refletem a necessidade de melhoria das políticas públicas voltadas a estimular o ensino para jovens e adultos, fomentando, inclusive, a continuidade de seus estudos, como ressaltam Miranda, Souza e Pereira (2016), seja em nível profissionalizante ou na educação superior. A visão de um jovem ou adulto analfabeto é tão estigmatizada que o torna vítima de sua própria realidade, pois, não se busca entender, na maioria das vezes, a razão e os fatores que levaram aquele jovem a não iniciar seus estudos ou os motivos de não ter concluído o período regular de estudos.

No cenário atual, a sociedade vê a juventude e o adulto analfabeto como sinônimo de problema e motivo de preocupação. A educação de jovens e adultos (EJA) no Brasil é marcada pela descontinuidade e por tênues políticas públicas, insuficientes para dar conta da demanda potencial e do cumprimento do direito, nos termos estabelecidos pela Constituição Federal de 1988. Essas políticas são, muitas vezes, resultantes de iniciativas individuais ou de grupos isolados, especialmente no âmbito da alfabetização, que se somam às iniciativas do Estado (BRASIL, 1996). O adulto analfabeto defronta-se com a sociedade letrada e necessita de, no mínimo, saber

enfrentar a tecnologia da comunicação para que, como cidadão, saiba lutar por seus direitos, pois ao contrário, torna-se vítima de um sistema excludente e pensado para poucos. Até então, o que se viu foi a criação de programas, a curto prazo, que não garantem que os alunos deem continuidade aos estudos (MIRANDA; SOUZA; PEREIRA, 2016, p. 2).

Outra dificuldade que pode ser destacada no contexto da EJA à formação de profissionais da educação capazes de atuarem nesta modalidade, considerando todas as suas especificidades. Nesse sentido, “quando se fala de especificidade da EJA, trata-se de pensar espaços e tempos adequados, tanto para a aprendizagem do jovem e do adulto, quanto para o seu educador” (IRELAND; MACHADO; IRELAND, 2005, p. 11).

A LDB dispõe, em seu art. 61, sobre a necessidade de uma “formação de profissionais da educação de modo a atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e as características de cada fase do desenvolvimento do educando” (BRASIL, 1996), o que inclui a EJA. Contudo, nem sempre as licenciaturas são pensadas de modo a incluir o contexto da EJA e preparar os docentes para atuarem com este público (VENTURA, 2012). Complementando essa visão, Carvalho (2014, p. 3) afirma:

Ao falarmos da atuação dos professores em salas da EJA, não podemos deixar de mencionar a importância de uma formação acadêmica de qualidade, ou seja, uma formação na universidade que contemple essa modalidade de ensino. Desta forma, nos perguntamos: como trabalhar com a Educação de Jovens e Adultos, se muitas vezes, a formação acadêmica oferecida pela universidade não prepara o discente para lecionar na EJA? (CARVALHO, 2014, p. 3).

Desse modo, fica clara a importância de formações voltadas especificamente para a adaptação dos professores, bem como, a preparação por parte das universidades para que os futuros profissionais da área possam ter um conhecimento prévio do que lhe espera no mercado de trabalho. Isto porque um professor não deve e nem poderia limitar-se a uma determinada modalidade de ensino, sendo de suma importância que sua preparação profissional se dê com base nos diferentes públicos que ele poderá atender, incluindo-se a EJA.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa pode ser classificada como uma pesquisa exploratória, descritiva, realizada por meio de um estudo de caso, com abordagem qualitativa. Prodanov e Freitas (2013) entendem

que a pesquisa exploratória permite que o pesquisador conheça o objeto de pesquisa, levantando informações que permitam um maior aprofundamento sobre a temática estudada. Já a pesquisa descritiva possibilita que o pesquisador colete dados no próprio ambiente da pesquisa, para descrevê-los, posteriormente, sem interferir nos resultados (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Assim, foi realizado um levantamento bibliográfico inicial, para que fossem identificados os principais desafios relacionados à EJA no Brasil. Esta exploração inicial permitiu levantar subsídios para a formulação da problemática da pesquisa e as questões para a pesquisa de campo.

Como a investigação se deu em uma escola da rede municipal de ensino na cidade de Sertãozinho/PB, a pesquisa é classificada como um estudo de caso, que, segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 60), “envolve o estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos de maneira que permita o seu amplo e detalhado conhecimento”.

Para a realização deste estudo, os sujeitos da pesquisa foram dois docentes da disciplina Língua Inglesa que atuam na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio João de Freitas Mouzinho, e os alunos da turma do 1º ano do ensino médio na educação de jovens e adultos. Para a coleta de dados, foi realizada uma entrevista semiestruturada com os docentes, objetivando evidenciar os principais desafios enfrentados por estes profissionais no ensino da língua inglesa. Já com os discentes, foi realizado um grupo focal, de modo que, por meio de um diálogo coletivo, as problemáticas relativas à aprendizagem dos alunos em língua inglesa pudessem ser relatadas por eles mesmos.

A entrevista semiestruturada permite que as perguntas sejam complementadas ou adaptadas, caso o pesquisador identifique a necessidade de obter mais informações do entrevistado. Já o grupo focal corresponde a uma técnica em que o mediador faz as perguntas e os participantes opinam coletivamente, fornecendo, assim, um grande volume de informações.

Quanto à análise dos dados, esta se deu a partir de uma análise de conteúdo simples, identificando-se as categorias a partir dos aspectos destacados nas entrevistas com os docentes e no grupo focal com os alunos da turma.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A proposta da entrevista serviu como um canal direto para o que foi buscado ao longo da pesquisa, que seria compreender *in loco* as dificuldades e os principais desafios encontrados no ensino da língua inglesa nas turmas da EJA.

Assim, foram entrevistados dois professores, identificados como professora A e professora B, para que seus nomes não sejam divulgados na pesquisa. Ambas lecionam nas turmas da educação de jovens e adultos a disciplina de língua inglesa na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio João de Freitas Mouzinho, na cidade de Sertãozinho-PB. A professora A tem 43 anos de idade, é graduada em Letras com Habilitação na Língua Inglesa, trabalha na escola há sete meses e há cinco meses está lecionando inglês nas turmas da EJA. Já a professora B tem 54 anos, trabalha na escola há 20 anos e leciona na EJA a disciplina de língua inglesa há dez anos, sendo graduada em Letras com Habilitação em Inglês e Português e possui o título de Especialista na Educação de Jovens e Adultos.

Quanto à preparação específica para atuação na EJA, a professora A afirmou: “Os conteúdos específicos da EJA foram trabalhados em curso de extensão, um ou outro conteúdo isolado de disciplinas, mas nunca como disciplina de formação”. Já a professora B relatou: “Quando frequentei a UFPB (Universidade Federal da Paraíba), tive oportunidade de estudar métodos que pudessem me auxiliar em sala de aula na EJA”. É possível constatar que as entrevistadas tiveram acesso, ao longo de sua formação, a conteúdos que abordassem a EJA, mas esses conteúdos foram caracterizados como complementares, não havendo, portanto, uma preparação específica a partir de uma disciplina sobre a educação de jovens e adultos.

Foi necessário também identificar as problemáticas existentes por parte do alunado na aprendizagem da língua inglesa. Para tanto, foi realizado um grupo focal com os alunos da turma do 1º ano do ensino médio da EJA desta escola. Quanto ao perfil dos alunos, verificou-se que a turma é composta por homens e mulheres, com faixa etária variando entre 18 a 32 anos. A maioria trabalha como autônomos, apesar de alguns terem empregos formais e estudam na escola por cerca de dois anos.

4.1 DESAFIOS DA EJA

A primeira categoria da pesquisa tratou da identificação dos desafios vivenciados por docentes e alunos da EJA. Assim, o primeiro desafio apontado foi o próprio livro didático ofertado

pelo Ministério da Educação (MEC), que não condiz de forma direta com a realidade dos educandos, fazendo com que, na maioria das vezes, as aulas necessitem de uma complementação que outras modalidades de ensino não precisam. Foi possível perceber também que as turmas possuem uma assiduidade grande, o que confirma a busca ainda maior de boa parte das pessoas a essa modalidade de ensino. Turmas grandes, sempre com muita frequência, o que aumenta ainda mais a responsabilidade por parte da gestão da escola, bem como dos professores que ali lecionam para chegar a uma melhor forma de repassar o conhecimento para os estudantes.

4.2 CONDIÇÕES DE TRABALHO E RECURSOS DISPONÍVEIS

Quanto às condições de trabalho na escola pesquisada, a professora A informou que: “Hoje, as condições têm uma melhora significativa, passamos a usar outros recursos didáticos, tais como: televisão, aparelho de DVD e principalmente o acesso à internet, que para a língua inglesa é fundamental”. É possível inferir que o fato de não limitar o professor ao uso do livro didático melhorou significativamente as condições de trabalho para os mesmos, possibilitando uma maior abertura para a disseminação do conteúdo trabalhado e abrindo possibilidades de novos conteúdos que venham somar no processo de ensino. O fato de o livro didático ser considerado multidisciplinar não possui tanto atrativo e não abre espaço para verdadeiras discussões em sala. O uso dos recursos citados pela professora A, pelo contrário, possibilita que os alunos iniciem uma discussão com temas relevantes e atuais e acabe gerando um interesse maior na disciplina.

Já a professora B, quando questionada acerca das condições de trabalho nesta modalidade, informou que: “São boas, trabalhar com jovens e adultos requer do educador uma metodologia que contribua para o desenvolvimento do educando”. As duas professoras chegaram ao mesmo diagnóstico em relação às condições de trabalho, que apesar de todos os desafios, são boas, estão melhores, quando se compara com o ensino de 20 anos atrás, mas ainda não atendem a todas as necessidades de educadores e educandos.

Partindo para o questionamento sobre os materiais didáticos e os recursos disponíveis, tais como aparelho de som, vídeo ou laboratórios de informática, a professora A afirmou: “Apesar da utilização de novos recursos didáticos e dos materiais disponíveis como já relatei, a escola necessita adquirir datashow e quadro interativo”. Já a professora B não apontou nenhum material didático ou recurso midiático que deveria ser adquirido.

Os alunos por sua vez, identificaram que, apesar de a escola contar com materiais como aparelhos de som e vídeo, estes são insuficientes para a quantidade de turmas, o que nos leva a mais uma divergência quanto à opinião dos dois grupos entrevistados. Isto converge com o que foi identificado na pesquisa de Aiiso (2019) quanto às limitações de recursos disponibilizados nas escolas onde funciona a EJA, demonstrando, assim, a necessidade de que a gestão pública proporcione às escolas públicas os materiais necessários ao ensino-aprendizagem da língua inglesa.

4.3 DIFICULDADES NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Quanto à maior dificuldade que as entrevistadas encontram em sala de aula em relação à aprendizagem dos alunos na disciplina, a professora A afirmou: “Quando trabalho com eles a leitura, pronúncia e atividades de oralidade”. Por sua vez, a professora B relatou: “A maior dificuldade é a leitura e a escrita”.

Já os alunos que participaram do grupo focal, quando questionados acerca das dificuldades deles em sala de aula quanto à aprendizagem da língua inglesa, afirmaram que a maior dificuldade deles reside na pronúncia e na escrita. As dificuldades apresentadas pelos entrevistados corroboram com o que Freitas (2012) aponta como uma das problemáticas identificadas no ensino da língua inglesa na EJA, ressaltando o desafio que os educadores têm para fazer uso de recursos e metodologias que possibilitem um melhor aprendizado da língua inglesa.

Buscando outros fatores que poderiam dificultar ainda mais o processo de ensino-aprendizagem do inglês nessas turmas, questionou-se às professoras acerca da infraestrutura da escola. Nesse sentido, ambas concordaram que a escola possui um bom espaço para o acolhimento a estes alunos. A professora A respondeu que: “A escola tem propiciado um ambiente favorável para o desenvolvimento de ensino-aprendizagem desse alunado”. No mesmo questionamento, a resposta da professora B foi: “O espaço necessário para desenvolver um trabalho que contribua para o desenvolvimento do alunado”. Assim, é possível perceber que, na visão das educadoras, as dificuldades percebidas quanto ao ensino-aprendizagem da língua inglesa não estão relacionadas ao espaço físico da escola.

Contudo, quando questionado aos alunos sobre a infraestrutura da escola, os mesmos, por unanimidade, consideraram regular, informando que não é muito boa, não é tão agradável, no sentido contrário ao que foi relatado pelas educadoras. Essas divergências demonstram as

diferentes percepções que a comunidade escolar – alunos e professores – possui em relação ao ambiente da escola, sendo importante que a gestão identifique que aspectos poderiam ser melhorados, sob o ponto de vista do aluno, de modo a tornar o ambiente escolar mais atrativo para os alunos.

Questionadas como poderiam descrever o público-alvo da EJA em sua disciplina, a professora A afirmou: “Um público bastante heterogêneo, que vai de pessoa idosa a jovem, sendo trabalhadoras ou não, mas na busca da qualificação para a melhoria na sua qualidade de vida”. A professora B, disse que: “Pessoas com bastante interesse na aprendizagem, mas com bastante dificuldades devido ao cansaço do dia-a-dia, repetido por todos os dias, muitas vezes causados pela jornada de trabalho”. As repostas revelaram que o público nesta escola é heterogêneo, característica esta que é bastante comum aos alunos dessa modalidade, como aponta Strelhow (2010). Tal característica demonstra o desafio dos educadores da EJA para adotar metodologias que estimulem a participação e o engajamento desses alunos, com faixas etárias, características cognitivas e experiências distintas, superando as possíveis dificuldades no processo de aprendizagem da língua inglesa.

Por fim, buscou-se ainda identificar possíveis barreiras ao ensino da língua inglesa na EJA. Nesse sentido, para a professora A: “Muitas vezes o cansaço dos alunos, associado ao desinteresse por se tratar de uma língua estrangeira”. Da mesma maneira, a professora B, disse que: “Por ser uma língua estrangeira o alunado demonstra pouco interesse”. Essas respostas finais remetem às discussões acerca da falta de conhecimento da importância da língua estrangeira em nosso currículo educacional e de vida.

A falta de conhecimento em relação à língua inglesa é o que causa o maior afastamento dos alunos em relação à disciplina, sendo necessário encontrar maneiras de desconstruir essas ideias errôneas acerca do assunto, para, dessa maneira, conseguir atrair a atenção dos alunos para a disciplina, elencando não apenas a sua obrigatoriedade, mas também a sua importância para o crescimento pessoal e profissional deste público.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação de jovens e adultos ainda enfrenta diversos desafios no Brasil, seja pela ausência de uma infraestrutura adequada, pela falta de recursos ou mesmo pela ausência de uma

preparação adequada dos docentes que irão atuar nessa modalidade. Por abarcar um público com características sociais, econômicas, culturais e pessoais bastantes distintas e que não teve as mesmas oportunidades de acesso ao ensino regular, o ensino nessa modalidade exige dos professores a adoção de metodologias capazes de superar estas dificuldades, aproximando cada vez mais este público da escola.

Em meio a esse contexto, o ensino da língua inglesa acaba por se configurar como mais um desafio, por se tratar de um idioma diferente da língua materna desses alunos. Nesse sentido, este trabalho objetivou identificar as principais dificuldades acerca do processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa na perspectiva da Educação de Jovens e Adultos. Para tanto, foram entrevistados professores e alunos que fazem parte desta modalidade, em uma escola no município de Sertãozinho/PB.

Identificou-se que as maiores dificuldades, do ponto de vista dos educadores, residem nos aspectos relativos à própria língua inglesa, como a escrita, a fala e a compreensão do idioma. Fato merecedor de atenção é que as educadoras não apontaram dificuldades quanto à infraestrutura da escola, o que geralmente também se constitui em um fator limitante ao ensino na EJA. Apesar da ausência de alguns materiais, as entrevistadas não deixam de realizar o seu trabalho, superando a falta de alguns recursos. Já do ponto de vista dos alunos, além das dificuldades inerentes à própria língua inglesa, o ambiente escolar ainda necessita de melhorias.

Contudo, a pesquisa permitiu identificar um aspecto que deve ser destacado, por corresponder ao maior entrave ao aprendizado da língua inglesa por parte dos alunos da EJA: o pouco conhecimento sobre a importância do inglês para a melhoria de perspectivas profissionais e pessoais desses alunos.

Nesse sentido, por mais que a escola disponha de recursos que permitam a realização das aulas, ainda que não sejam completos, a falta de conscientização acerca da importância da língua inglesa acaba por manter os alunos pouco motivados a aprendê-la, o que revela a necessidade de um maior diálogo sobre os benefícios que o aprendizado de um segundo idioma podem gerar. Esta necessidade de uma maior reflexão acerca do diálogo e das percepções que a sociedade tem relacionados ao ensino da língua inglesa nos dias de hoje representa uma das contribuições desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

- AIISO, Sueli Tiemi. **Ensino de língua inglesa na educação para jovens e adultos na região da grande Natal/RN: desafios e perspectivas**. Monografia (Curso de graduação em Letras Inglês). Universidade Federal da Paraíba, Paraíba. 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB 01/2000**, de 05 de julho de 2000. Estabelece as diretrizes curriculares nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília, DF, 2000.
- CARVALHO, Gabriela de Aguiar. **A educação de jovens e adultos e as dificuldades enfrentadas por professores de uma escola pública de Fortaleza**. In: IV Fórum Internacional de Pedagogia. Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2014.
- CARDOSO, Silvia Silveira. **Ensino-aprendizagem da língua inglesa na EJA: Desafios e limites para a gestão escolar**. Monografia apresentada para o curso de especialização em Gestão Educacional. Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul. 2011.
- FREITAS, Marta Eterna de Souza. **O ensino da língua inglesa na EJA**. São Paulo. 2012.
- IRELAND, Timothy D.; MACHADO, Maria Margarida; IRELAND, Vera Esther da Costa. Os desafios da educação de jovens e adultos: vencer as barreiras da exclusão e da inclusão tutelada. In: KRUPPA, Sônia M. Portella. **Economia solidária e educação de jovens e adultos**. Brasília: Inep, 2005.
- MIRANDA, Leila Conceição de Paula; SOUZA, Leonardo Tavares; PEREIRA, Isabella Rodrigues Diamantino. A trajetória histórica da EJA no Brasil e suas perspectivas na atualidade. In: Seminário de Iniciação Científica. **Anais...** Montes Claros/MG. Eventos do IFNMG, 2016.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2ª ed. Universidade Feevale. Novo Hamburgo, RS. 2013.
- SOUSA, Alba Patrícia Passos. **O ensino de língua inglesa na educação de jovens e adultos – EJA**. 2014. Disponível em: http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Modalidade_2datahora_16_06_2014_23_43_11_idinscrito_2188_45b2a9b872f605e42013045e0685df71.pdf. Acesso em: 24 ou. 2019.
- STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena (orgs). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**. Vol. III. Petrópolis: Vozes, 2005.
- STRELHOW, Thyelles Borcarte. Breve história sobre a educação de jovens e adultos no Brasil. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 10, n. 38, p. 49-59, 2010.
- VENTURA, Jaqueline. A EJA e os desafios da formação docente nas licenciaturas. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, v. 21, n. 37, jan./jun., 2012.